



António Pinto Ribeiro alerta-nos para as limitações das 'caixas' em que a produção artística que vem de África tem sido classificada

LUIS BARREA

De olhos no futuro

Dino de Santiago é português e é cabo-verdiano? Sim.

De onde vem a sua música? O que está a perguntar a fotógrafa argelina Louise Narbo quando pergunta “Quem me inventará como sou”? O que significa ser um produtor cultural através de uma obra plástica, como o faz Délio Jasse a partir da fotografia? O que é uma obra afropolitana como a de John K. Cobra? O que faz a argelina Amalia Escrava ao filmar o fim de um povo (*piéds-noirs*)?

Esta coleção de interrogações é uma amostra das que António Pinto Ribeiro (A.P.R.) reuniu para lhes responder por meio das conclusões do seu estudo, no livro “Novo Mundo — Arte Contemporânea no Tempo da Pós-Memória”. Este trabalho, no qual os artistas contemporâneos são analisados na sua condição de pós-memória, decorre de um projeto de investigação académica “Mémoires — Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias” (Centro de Estudos Sociais, CES, da Universidade de Coimbra), no qual foram mapeados os artistas na condição de pós-memória nas designadas segundas e terceiras gerações de afrodescendentes, em particular na Bélgica, França e Portugal. Foi “sobretudo a análise das suas obras que permitiu situá-las nesta condição de pós-memória”, escreve A.P.R. na introdução.

A conclusão parece ser universalmente óbvia, mas não o é: o panorama artístico da atualidade está povoado por obras de criadores que viajam por meio delas. São artistas que cresceram num lugar físico onde encontraram referências de outros espaços que os inspiraram. Influências familiares e memórias diferidas de África contribuem para a singularidade de duas gerações de protagonistas que produzem o que de mais refrescante se está a criar nas artes visuais, música, teatro, dança cinema e fotografia. São estes os artistas na condição de pós-memória e constituem uma parte grande das artes europeias contemporâneas. O presente que criam é transnacional, transterritorial e está a provocar uma reescrita da história da Arte.



★★★★

NOVO MUNDO — ARTE CONTEMPORÂNEA NO TEMPO DA PÓS-MEMÓRIA

António Pinto Ribeiro
Afrontamento, 2021, 228 págs., €15
Ensaio

Poderá esta contribuir para a reescrita da história de África e da Europa?

Se não houvesse outro mérito neste livro, o que não é o caso, ele alerta-nos para a necessidade de adotar outro ponto de vista sobre as artes contemporâneas e tomar consciência dos contornos fixos e das limitações das ‘caixas’ em que a produção de outros continentes, e em particularidade a que veio/vem de África, tem sido ‘classificada’. Aqui fala-se do presente, da Europa, no qual participam memórias não vividas, mas que fizeram parte do ambiente de crescimento destes artistas moldando as suas formulações. Fala-se da forma como esses elementos emergem nas opções formais e conceptuais, as quais passam a ser uma espécie de mapa pessoal que cada artista persegue, na medida em que cada um responde à inquietação prévia ao gesto criador individual.

Uma vez o mundo olhado do prisma proposto pelo conceito de pós-memória (Marianne Hirsch) e passado pela análise que A.P.R. faz destes artistas, é difícil (tanto como indesejável) regressar a uma postura digestiva dependente de critérios anacrónicos como aqueles que descrevem o que a arte africana “deve ser”. “Novo Mundo” propõe mesmo um novo paradigma que está, feliz e definitivamente, virado para o futuro. / CRISTINA PERES